

## UM ARTISTA DA PALAVRA

Em 1995, comemoram-se os 150 anos de nascimento de Eça de Queirós. Na verdade, foi em 1845 que nasceu o escritor, cuja obra ganhou, ainda enquanto vivo, imensa popularidade, tanto em Portugal como no Brasil.

O fascínio exercido pela produção queirosiana deste lado do Atlântico é, aliás, uma das dimensões que deveria ser retomada — pois reconhecido já foi há muito — para darmos um brilho especial àquela efeméride e para despertarmos o culto e a devoção a um artista da Língua, que durante a sua vida esteve intimamente ligado ao Brasil e aos brasileiros, pelo ambiente familiar, pelas amizades que construiu, pelas polêmicas que travou e pelo traço de alguns de seus personagens.

É curioso verificar o que se passou com Eça de Queirós. A certa altura, teve-se a impressão de que o interesse por sua obra era maior e mais vivo aqui do que em Portugal. O que pode ser atribuído à fama e à preferência popular pelo romantismo de Camilo Castelo Branco, ou às restrições da Igreja Católica, que não via com agrado o realismo da comédia burguesa, ou a malha anti-clerical dos enredos queirosianos. Mas, fora isso, também se deve à simpatia e às afinidades que a maioria dos brasileiros sentia pelo escritor, pela urdidura dos romances, pelo picante das sátiras ou pelos tipos criados no bojo de sua ficção e de sua ironia.

Aos leitores e devotos, juntaram-se, depois, os estudiosos, os críticos e os biógrafos, que em dezenas de trabalhos, nos rodapés literários, nas análises das revistas e no traço das caricaturas viraram e reviraram tudo o que dizia respeito ao romancista e à criação. Ninguém chegava ao pé de tanta popularidade.

Nos anos 50, por exemplo, fundava-se, por iniciativa de Carlos de Laet, o “Club do Eça”, que reunia um grupo de admiradores e estudiosos ilustres, alguns dos quais ainda vivem, como Roberto da Silva Ramos, Arnaldo Faro e Clóvis Ramalheite. Do “Club” ficou a memória de jantares famosos, com evocações, nas ementas, à pescada do Jacinto, ao vinho de Bucelas e aos pastéis de nata; ou o “Álbum das Glórias”, de autoria de Wladimir Alves de Souza,

falecido recentemente, com a galeria dos personagens ecianos, como se fora um dos desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro; ou a saudade de muitos dos sócios que nos impressionavam com o conhecimento que possuíam da vida e obra do “pobre homem da Póvoa de Varzim”: sabiam, na ponta da língua, os anos das primeiras edições de “O Crime do Padre Amaro”, esmiuçavam as biografias de João Gaspar Simões, ou referiam Augusto Fábregas como sendo o brasileiro a quem o romancista escreveu, em 1890, para lhe dizer que o único de seus livros que se lhe afigurava dar um drama patético era “Os Maias”. Quando não, recitavam-se páginas inteiras de “A Relíquia”, sem errar na descrição dos embrulhos do Teodorico — um, profano, onde levava a camisa de dormir de Miss Mary, amarrotada e a exalar um aroma saudoso de violeta e de ternura; e outro, sagrado, onde trazia a coroa de espinhos do Salvador.

Mas o “Club” resultou, acima de tudo, numa devoção que nos levava a interpretar melhor o pensamento queirosiano e a conhecer, na intimidade, o Carlos Maia, a Luísa, o João da Ega, o Raposo, o Basílio, o Abranhos, o Padre Amaro, a Maria Eduarda, o Zé Fernandes, o Pacheco, o Padre Salgueiro ou a Libuska. Eça não conseguiu ser cônsul na Bahia, conforme fora seu desejo, no início da carreira diplomática; no entanto, e apesar das sátiras contra o “brasileiro” — que às vezes era confundido com o português “torna-viagem” — e das bordoadas com que desancou os que não lhe pagavam os direitos autorais de “As Farpas”, transformou-se no escritor nascido além-mar que maior número de admiradores teve no Brasil. Um fenômeno parecido dar-se-á, mais recentemente com Fernando Pessoa, uma vez que é também no Brasil que se reconhece mais cedo a fantástica dimensão da poética pessoana, com os trabalhos de Cleonice Berardinelli.

A “Empresa dos Correios e Telégrafos” já resolveu editar um selo comemorativo a propósito do sesquicentenário do nascimento de Eça de Queirós. As Universidades e os “Gabinetes Portugueses de Leitura” vão organizar colóquios, cursos, debates e pesquisas sobre a bibliografia do escritor de Fradique Mendes. Decerto, teremos romagens de fiéis ecianos para ver a sua estátua no Largo do Barão de Quintela, em Lisboa, e o monumento na Póvoa, oferecido pelos poveiros do Rio. Ou para visitar a quinta de Tormes, o “Círculo” e o “Grémio” no alto do Chiado.

Entretanto, tudo isso será pouco se não formos capazes de reacender entre as novas gerações o interesse pelo escritor português. Como aconteceu com a mini-série de “O Primo Basílio”, a televisão pode despertar a magia pela leitura queirosiana, mostrar-nos a irreverência de seus tipos, a riqueza de seus cenários e a sedução de sua obra. É uma das vias mais fáceis para redescobrir o Eça — o “São José Maria” da nossa devoção.